

# CINEMA, ROTEIRO E LITERATURA: DILUIÇÃO DE FRONTEIRAS

**Aluno: Eduardo Miranda Silva**  
**Orientador: Vera Lúcia Follain de Figueiredo**

## **Introdução**

A literatura e o cinema brasileiros mantêm estreitas relações desde o início do século passado. Já na década de 20, o modernista Mário de Andrade apontava o cinema como a criação artística mais representativa de nossa época. Na segunda metade do século XX, quando a cultura de massa passa a se apropriar cada vez mais das inovações e rupturas propostas pela chamada alta cultura e esta, por sua vez, mostra-se inclinada a conquistar um público mais amplo [1], as trocas entre cinema e a literatura assumem uma nova feição, desencadeando-se um processo em que os mercados cinematográfico e editorial se aproximam e se realimentam. Como fato bastante representativo dessa interseção entre os dois campos, temos o crescente número de publicações, em livro, de roteiros cinematográficos que ganham, assim, um novo status, e a reedição de romances e contos a partir de adaptações para o cinema.

## **Objetivos**

Esta segunda etapa da pesquisa dá continuidade à análise de livros, publicados a partir da década de 90, que se situam no limiar entre o cinema e a literatura, com o objetivo de refletir sobre o deslizamento operado pelo mercado editorial entre os dois campos de produção e sobre o modo como este fenômeno afeta a criação literária e o estatuto do roteiro, que vai ganhando autonomia em relação ao filme. Procuramos também pensar o processo de adaptação de obras literárias para o cinema.

Ampliando o corpus do trabalho, a pesquisa voltou-se para a obra de Manuel Puig, em função do lugar fronteiriço em que ela se situa. Cinema de Hollywood, radionovelas e fotonovelas fazem parte do universo do autor, de tal modo que sua narrativa não está em plena identificação com a esfera erudita, mas também não se confunde com a cultura de massa.

## **Metodologia**

Foram realizadas leituras de textos teóricos que discutem a relação entre os dois tipos de narrativa (a literária e a cinematográfica) e as particularidades de cada uma, além de leituras de ensaios que discutem a evolução nas relações do diretor com o objeto roteiro e a valorização deste, ao sair do espaço das locações cinematográficas e se projetar para o público leitor. Neste ponto, a análise se amplia além do território nacional para observar a trajetória do roteiro em dados momentos na história do cinema mundial. Foram lidos também textos que problematizam a grande divisão, operada pela modernidade, entre arte e cultura de massa.

Como material de análise, foram utilizados o romance *O Selvagem da Ópera*, de Rubem Fonseca; o romance e o roteiro contidos no livro *O Invasor*, de Marçal Aquino, o livro *Abril Despedaçado: história de um filme*, de Pedro Butcher e Anna Luiza Müller, que narra a produção do filme “Abril Despedaçado”, de Walter Salles, edições de “Cidade de Deus”, de Paulo Lins, assim como o roteiro do filme homônimo de Fernando Meirelles e, por último, os romances “The Buenos Aires Affair” e “O beijo da mulher aranha”, do argentino Manuel Puig.

## **Conclusões**

Em “O Selvagem da Ópera”, ao narrar a vida do músico Carlos Gomes, o escritor Rubem Fonseca se propõe a escrever um texto que servirá de base para a elaboração de um roteiro, que poderá ser filmado posteriormente. Para tanto, o escritor recorre a recursos da linguagem cinematográfica, como a aproximação e o distanciamento da lente, o foco e o recorte de cena de acordo com o que quer mostrar. Rubem Fonseca propõe reflexões sobre o cinema e sobre o deslizamento e a diluição das fronteiras entre as linguagens. É interessante, pois, observar que o leitor tem em mãos um romance que, além de ser lido, quer ser visto.

Já no livro “O Invasor”, de Marçal Aquino, chama atenção a peculiaridade da relação entre o cinema e a literatura. Marçal Aquino, por sugestão do diretor Beto Brant, interrompeu a escrita do romance “O Invasor” e o transformou no roteiro do filme de mesmo nome. Concluído o filme, Marçal Aquino retorna à tarefa de escrever o romance “O Invasor”, num efeito inverso ao que normalmente ocorre (o cinema que adapta obras literárias). Aqui, o cinema antecede o livro. Depois do filme pronto, a Geração Editorial lança “O Invasor”, um encontro de roteiro, romance e fotografias de cenas do filme.

“Abril Despedaçado: história de um filme”, livro de Pedro Butcher e Anna Luiza Müller, acompanha a produção das filmagens de “Abril Despedaçado”, de Walter Salles. O filme, que se baseia no romance homônimo do escritor albanês Ismail Kadaré, suscita uma discussão sobre a adaptação literária para o cinema. Ao narrar os percalços para que a produção do filme se mantivesse fiel ao roteiro – o que quase sempre não ocorre – os autores, de certo modo, justificam o roteiro final como produto não só do que havia antes das filmagens, mas também resultado do processo ocorrido nas locações. A publicação do roteiro do filme aliada ao forte apelo visual – são mais de cem fotografias com reprodução de alta qualidade – propõe um outro tipo de leitura que considere o lugar intermediário em que o livro se situa.

No caso de “Cidade de Deus”, a segunda edição, posterior ao filme homônimo de Fernando Meirelles, sofre um corte de mais de 100 páginas, que deixa de fora as histórias não incluídas no filme, além da inserção de fotogramas da versão de Fernando Meirelles para “Cidade de Deus” nas variadas capas do livro, num efeito inverso de evidente aproximação do livro ao filme.

Por fim, a ficção de Manuel Puig, privilegiando o trivial, lançando mão de recursos das narrativas de entretenimento, como as dos filmes hollywoodianos, chamando a atenção para a tradição não literária com a qual o autor conviveu, rompe os limites da hierarquia cultural ao tomar essa tradição como referência para a construção de seu universo literário.

Como se pôde concluir, o fenômeno editorial analisado confirma a tendência contemporânea no sentido de romper as fronteiras entre diferentes linguagens e campos de produção cultural. No caso das obras ficcionais estudadas, essa tendência se reflete também no movimento pendular entre um cinema que quer ser lido e uma literatura que quer ser vista. A interseção entre os mercados cinematográfico e editorial parece apostar em um nicho consumidor composto de estudiosos da comunicação e das letras, sem perder de vista a ampliação do número de leitores de obras literárias, em função da publicidade que as adaptações cinematográficas conferem à literatura, e a criação de um público leitor de textos híbridos que lançam mão de imagens (fotografias dos filmes), e elaboram um enredo a partir próprio processo de realização da obra cinematográfica, narrando histórias dos bastidores.

## **Referências**

- 1- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Canibalismos recíprocos: literatura, cinema e cultura de massa. **Semear**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 237-250, 2004.